

Rota da Costa Atlântica

CULTURA AÇORIANA

A festa no Sul do Brasil
Palhoça - SC

**Narrativas
Visuais**

Fotografia e Pesquisa
Eraldo Peres

**filhos
da
Terra**
Diversidade
e Cultura

Projeto Filhos da Terra

Anotações de Viagem

Novembro / 2017

 *Saída: 08/11/2017 - Brasília/DF*
Destino: Palhoça / SC

Cultura Acoriana

Equipe:

- Eraldo Peres / fotografia e pesquisa de campo
- Angélica Madeira / coordenação de pesquisa
- Clóvis Britto / pesquisa de conteúdo
- João Campello / direção de arte
- Carol Peres / direção de conteúdo



Entrevistadas: Gelci Pereira, Maria da Glória Viana e André Cordeiro

Expedição Cultura Acoriana | Rota da Costa Atlântica: Viagem realizada no período de 08 a 13/11/2017, à Enseada de Bruto, localizado no município de Palhoça, no Estado de Santa Catarina, para documentação do desfile cultural da 24. Acor, festival da cultura de base Acoriana.

Projeto:

**filhos
da
Terra**
Diversidade
e Cultura

Produção:

**PHOTO
AGÊNCIA**

Redes Sociais:

- facebook.com/projetofilhosdeterra
- www.filhosdeterra.org
- eraldo@photoagencia.com.br



Rota da Costa Atlântica
A festa da cultura açoriana no Sul do Brasil

A festa da cultura açoriana no Sul do Brasil

Narrativas Visuais

Anotações de Viagem - vol. 4
Rota da Costa Atlântica
A festa da cultura açoriana no Sul do Brasil

Enseada de Brito, Palhoça, Santa Catarina/Brasil - 2017

Pesquisa e Fotografia
Eraldo Peres

Filhos da Terra: Roteiros para adentrar o Brasil profundo

Os Cadernos de Viagem (ora publicados em formato digital) tornam acessível ao grande público o resultado de uma pesquisa que registra e interpreta, por meio de fotografias, textos e música, festas e celebrações enraizadas em um Brasil profundo, o Brasil freqüentado por uma parte do povo brasileiro, pouco conhecida pelas populações urbanas.

Baseada em uma abordagem clássica da sociologia da cultura, a das regiões culturais, a documentação busca inserir cada festa no complexo ecológico que a cerca: a natureza, o trabalho, o estilo de vida, a mistura de raças, as crenças.

Os Roteiros propostos – do sertão, da floresta, da costa atlântica e das minas - registraram manifestações culturais, muitas delas em risco de desaparecimento, reveladoras tanto da persistência quanto da singularidade de cada uma dessas festas remanescentes do mundo rural tradicional. Eles também põem em evidência os itinerários que marcaram o território ao longo da história, itinerários percorridos por indígenas, africanos e europeus, povos portadores de costumes e tradições que aqui se mesclaram desde o período colonial.

Inserindo-se em uma longa tradição que remonta pelo menos ao Romantismo – a busca de um retrato de corpo inteiro do Brasil

– esses Roteiros trazem uma cartografia do território de norte a sul, de leste a oeste, e mostram como essas festas ultrapassam as fronteiras geográficas e como são fortemente ancoradas na atividade econômica e na religiosidade mestiça, substrato de todas essas práticas lúdico-religiosas. Elas também servem como substrato para identidades coletivas, quando o grupo, de certa forma faz parar o tempo cronológico e instaura o tempo cíclico da festa, para afirmar seu pertencimento comunitário, suas crenças compartilhadas.

Cada festa é uma unidade capaz de concentrar em si mesma o todo que a contém: paisagens, cenários, indumentárias, poesia, música e dança, tradições seculares, culinárias, devocionais. Uma cartografia sensível, rostos severos ou risonhos, faces de um Brasil rústico que talvez em breve não exista mais.

A câmera subjetiva e empática revela um compromisso ético, na aproximação cuidadosa dos grupos fotografados; revela também um compromisso estético ao trazer imagens surpreendentes, de grande beleza, deixando entrever a ponta de um mistério, a força transcendental que anima todas as celebrações tradicionais enraizadas na cultura do povo.

Angélica Madeira

Cultura Açoriana

no Sul do Brasil

por Eraldo Peres

Quando o sino da igreja de Nossa Senhora do Rosário toca suas seis badaladas, na manhã ensolarada de um sábado de novembro, é o prenúncio de que terá início o desfile cultural da 24 Açor...

festival da cultura de base Açoriana, realizada neste ano na Enseada de Brito, um belíssimo local a beira mar no município de Palhoça, estado de Santa Catarina, na região sul do Brasil.

A igreja pode ser vista com toda a sua imponência no alto da praça principal da Enseada de Brito, freguesia fundada em 1750 com a chegada das primeiras famílias Açorianas nas costas sul do litoral brasileiro. À sua frente, a igreja olha eternamente para o mar da enseada e para a ilha de Florianópolis. Às suas costas, exibe-se de forma exuberante a Serra do Tabuleiro, um conjunto de elevações que emolduram a igreja e a própria Enseada de Brito.

É nesse bucólico cenário, que ainda guarda um pouco da arquitetura colonial dos primeiros tempos de ocupação, que acontecem as apresentações culturais do festival Açoriano, apresentando para o público os artesanatos, as danças e os folguedos origi-nários dos povos desse arquipélago transcontinental, formado por nove ilhas no Atlântico Nordeste, e utilizado pela coroa portuguesa durante as expedições dos descobri-mentos como entreposto comercial e base de reabastecimento de navios e frotas.

Morador tradicional da Enseada o museólogo Gelci Pereira, conhecido pelos moradores como Peninha, conta como a tradição oral das primeiras famílias narravam as aventuras e os desafios das viagens marítimas e a vinda para “sonhar com uma nova terra e com um novo lugar para viver”. Peninha lembra que “o povo que veio para cá trazia uma bagagem cultural significativa e muito ligada com a religiosidade”. Eram pessoas que longe das suas origens, aqui iniciaram um novo lar e na convivência com os índios nativos desenvolveram uma base de sobrevivência significativa para a ocupação do litoral sul do Brasil. Tanto aprendendo com os índios a pesca e o domínio da mandioca, quanto no encontro com os negros e o desenvolvimento de manifestações que envolvem as danças como o Boi de Mamão e o Pau de Fita, as Folias de Reis e do Divino, bem como os contos e as curiosidades sobre os elementais e as bruxas. Segundo o museólogo, “um povo que reza muito, más tudo acaba em festa, em dança e comilança”.



Além das danças e dos folguedos o artesanato com cerâmica e a prática da renda são características fundamentais das heranças da cultura açoriana. Foi pelo desenvolvimento e pela conservação da tradição da renda que Maria da Glória Viana, uma rendeira de 68 anos, voltou ao arquipélago para ensinar o que deles foi aprendido e perdido no passar dos anos. Dona Glorinha, como é conhecida, conta como foi convidada a ir aos Açores para ensinar as mulheres das ilhas a fazer a renda de Bilro, lembrando que eles deixaram a renda acabar e que “não houve interesse das filhas em aprender como as mães faziam, e assim foi acabando o conhecimento tradicional das rendeiras”. Tradição essa preservada pela associação das rendeiras de Sambaqui, tradicional bairro da ilha de Florianópolis, na qual preside os trabalhos.

Em um grande cortejo cultural de cores e de danças, percorrendo os caminhos da praça da Enseada de Brito, os mais de trinta municípios de tradição açoriana desfilam suas atrações, trazidas para esse vigésimo quarto encontro como forma de valorizar e preservar as origens culturais do estado.

Puxando o cortejo, segue o tradicional Boi de Mamão do Maria Rita, um grupo folclórico comandado pelo jovem André Cordeiro, que com seus 20 anos atua como cantador dos versos que embalam o folguedo, uma mistura das origens açorianas com as tradições dos indígenas nativos e de negros trazidos da África. André lembra de quando começou na brincadeira do Boi acompanhando o pai no trabalho da roça, e complementa destacando a importância das tradições “temos que fazer com que nossa cultura esteja sempre viva, não deixar ela morrer e que a gente possa passar de geração para geração”.

O segundo dia do festival reserva suas emoções para as apresentações no palco cultural e para os cortejos do Divino Espírito Santo e o mastro de São Sebastião. No palco cultural diversos grupos que apresentam danças tradicionais dos Açores se revezam em apresentações que lembram as épocas da colonização e da chegada

das famílias ao Brasil. São grupos escolares e grupos folclóricos locais responsáveis por manter a tradição de uma origem distante, já marcada por mais de 260 anos de existência.

Saindo da Casa de Cultura e com tudo sua exuberância, tem início o colorido cortejo do Império do Divino Espírito Santo, o casal de imperadores a frente seguido dos seus vassalos e da dama da bandeira seguem em direção a igreja, onde acontece a missa de encontro das bandeiras e em homenagem ao festival.

Terminada a celebração religiosa tem início a festa profana, com a tão esperada preparação do mastro de São Sebastião, um acontecimento a parte em toda a programação e que encerra o festival de forma grandiosa e com grande participação popular. Os trabalhos já iniciam durante a própria missa quando um grupo de mulheres executam a decoração do mastro, um caule de árvore com mais de dez metros de altura, com palhas de palmeiras e flores recolhidas nas imediações. Os homens ajudam na preparação e serve para todos a Consertada, uma bebida tradicional que mistura cachaça, café e canela, servida como um estimulante para o trabalho de carregamento do mastro.

Missa acabada, mastro pronto, todos reunidos cantando e dançando em torno do mastro de São Sebastião, santo casamenteiro e popularmente conhecido por atender aos pedidos das mulheres solteiras. Cabe aos homens carregar o mastro no circuito que percorre a praça principal da Enseada, finalizando ao lado da igreja quando, ao ser fincado no chão, as pessoas podem finalmente retirar as flores e fazer seus pedidos ao santo.

O festival vai chegando ao seu fim, reunindo homens e mulheres, jovens e velhos em torno das tradições Açorianas. O jovem André resume o sentimento de gratidão que domina a todos, “quero que os meus filhos possam reviver isso, meus netos, e assim por diante”, e canta o verso de chegada do seu grupo de Boi de Mamão; “Cheguei, cheguei, cheguei cantando agora, se tiver licença eu entro, se não tem eu vou embora”. ■



Grupo de danças Açorianas, formado por jovens estudantes da Enseada de Brito.



Damas da Corte do Império do Divino Espírito Santo, Enseada de Brito.



270 anos da cultura Açoriana no Sul do Brasil

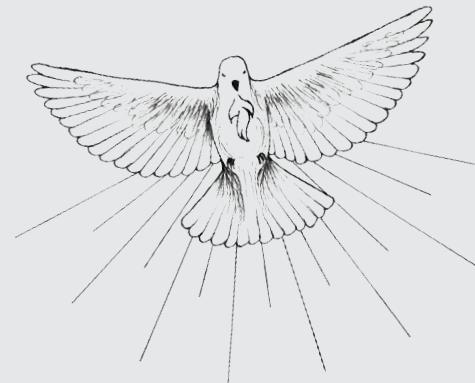
A chegada dos Açorianos no Sul do país data de meados de 1749, quando os navios Nossa Senhora das Maravilhas, Santo Antônio e Almas, desembarcaram cerca de 6 mil portugueses provenientes, sobretudo, das ilhas centrais (Terceira, Graciosa, São Jorge, Pico e Faial).

Até os dias atuais, brasileiros descendentes dos açores mantém viva suas tradições, muito marcada pela religião, saberes populares e trabalhos manuais, destacando-se as manifestações do Boi de Mamão, Festa do Divino Espírito Santo, Festa da Santíssima Trindade, a Pesca Artesanal com Tarrafa, a Renda de Bilros, a Cerâmica, o Repentismo poético, entre outros.

Em comemoração aos 270 anos da presença cultura açoriana no sul do Brasil, Santa Catarina promulgou a Lei estadual nº 17.463/2018-SC, que intitula o ano de 2018 como Ano dos Açores em Santa Catarina. Florianópolis e mais vinte municípios do litoral catarinense também publicaram leis municipais, declarando 2018, o Ano dos Açores.



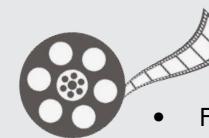
Dona Glorinha de Sambaqui, foi aos Açores para ensinar a arte da renda de bilro, já em desaparecimento no arquipélago.



Império do Divino Santa Catarina

(Versos cantados no litoral catarinense, coletados pelo professor Doralécio Soares)

*Dê-me licença que entre
Dentro de sua morada
Uma bandeira divina
E a coroa sagrada.
O Divino pede esmola
Mas não é por precisão
Pede para experimentar
Os seus devotos que são.*



Filmes

- **Festa do Divino – Tradição e Fé**, de Zeca Pires em co-produção com Rádio e Televisão Portuguesa de Açores, Fundação Franklin Cascaes e Universidade Federal de Santa Catarina.
<https://www.youtube.com/watch?v=89EljtKYxvg>
- **Em Nome do Divino**, de Carlos Brandão Lucas.
<https://www.youtube.com/watch?v=ENB9BMrTmpw>
- **Caminhos do Divino**, de Zeca Pires.
<https://www.youtube.com/watch?v=ly8XKEn-lIs>
- **Sancti Spiritus in vias Encantada**, de Tatiana Kviatkoski.
https://www.youtube.com/watch?v=lkG8A6Z_4Gs

Literatura

- **Folclore catarinense**, de Doralécio Soares.
- **Roteiro lexical do culto e festas do Espírito Santo nos Açores**, de Manuel da Breda Simões.
- **Caminhos do Divino**, Um olhar sobre o Espírito Santo em Santa Catarina, de Lélia Pereira da Silva Nunes.
- **Memória Histórica da província de Santa Catarina**, de Manuel Joaquim de Almeida Coelho. <https://www.portalcatarina.ufsc.br/documents/?action=midias&id=209515>
- **Santa Catarina: A Ilha**, de Virgílio Várzea.



Jovens representam casal Açoriano durante o desfile de abertura do festival.



Brincadeira do Boi de Mamão em frente a igreja da Enseada de Brito.

“ A característica básica do Brasil sulino, em comparação com as outras áreas culturais brasileiras, é sua heterogeneidade cultural. Os modos de existência e de participação na vida nacional dos seus três componentes principais não só divergem largamente entre si como também com respeito às outras áreas do país. Tais são os lavradores matutos de origem principalmente açoriana, que ocupam a faixa litorânea do Paraná para o sul; os representantes atuais dos antigos gaúchos da zona de campos da fronteira rio-platense e dos bolsões pastoris de Santa Catarina e do Paraná, e, finalmente, a formação gringo-brasileira dos descendentes de imigrantes europeus, que formam uma ilha na zona central, avançando sobre as duas outras áreas.

Darcy Ribeiro, 2001, p. 408.
O povo brasileiro - A formação e o sentido do Brasil

” Uma outra configuração histórico-cultural constitui-se no Brasil sulino formada por populações transladas dos Açores, no século XVIII, pelo governo português. O objetivo dessa colonização era implantar um núcleo de ocupação lusitana permanente para justificar a apropriação da área em face do governo espanhol e também para operar como uma retaguarda fiel das lutas que se travavam nas fronteiras. Esses açorianos vieram com suas famílias para reconstituir no Sul do Brasil o modo de vida das ilhas, atraídos por regalias especialíssimas para a época. Prometiam-lhes a concessão de glebas de terra demarcadas como propriedade para cada casal. (...)

Darcy Ribeiro, 2001, p. 427.
O povo brasileiro - A formação e o sentido do Brasil



Jovens representam casal Açoriano durante o desfile de abertura do festival.



Família Real e suas Damas durante o desfile do Império do Divino Espírito Santo na Enseada de Brito.



O Império do Divino: *a presença açoriana no Atlântico Sul*

por Clóvis Brito

"A Pombinha vai voando;
Por cima da laranjeira;
Reina o dono da casa,
E sua companheira."

(Trova que acompanha a Bandeira do Divino)



Império entre ilhas. Talvez seja a melhor definição para a compreensão dos trânsitos existentes entre a cultura açoriana no Atlântico Sul. Práticas que reverberaram do arquipélago dos Açores, território autônomo da República Portuguesa, em direção à diversas espacialidades, a exemplo do litoral de Santa Catarina. O êxodo dos açorianos para uma outra ilha a partir de meados do século XVIII, contribuiu para a configuração de alguns núcleos litorâneos catarinenses construídos a partir do encontro com imigrantes da Ilha da Madeira, indígenas e africanos escravizados.

O fato é que parece difícil dissociar do “Mundo das Ilhas” os açorianos e grande parte de seus descendentes na costa catarinense. Conforme destacou Nazareno de Campos (2009), apesar das críticas ao conceito de açorianidade e insularidade, existe um movimento no sentido de conceber Santa Catarina como a “décima ilha açoriana”, expandindo o conjunto de nove ilhas incrustado na mediação do Atlântico Norte (São Miguel, Santa Maria, Terceira, São Jorge, Pico, Faial, Graciosa, Flores e Corvo). Independente dos processos de “invenção da açorianidade”, é inegável as reverberações das culturas dos açorianos e de seus descendentes diferenciando das práticas existentes nos vales litorâneos impactadas por grupos de origem alemã, italiana e eslava.

No caso do Atlântico Sul (com o recorte para a Ilha de Santa Catarina, visto que os açorianos impactaram outras localidades como o Rio de Janeiro e o Rio Grande do Sul), é necessário relativizar o entendimento das culturas açorianas para além da ideia de transposição entre ilhas. Apesar de alguns discursos ainda insistirem na ideia de decalque, pensar nos trânsitos culturais e em suas reelaborações no litoral sul brasileiro consiste em importante exercício: Nesse aspecto, incluem narrativas que tentam enquadrar algumas práticas como a brincadeira do Boi-de-mamão como açorianas: “os descendentes açorianos aqui interagiram com outros grupos étnicos, como os índios carijós, os descendentes de africanos e mesmo dos europeus que para cá vieram após meados do século XIX (dominadamente alemães e italianos).” (CAMPOS, 2009, p. 194)



Grupo de Dança Portuguesa durante a abertura do festival Açoriano.



Família Real se prepara para o desfile do Império do Divino Espírito Santo na Enseada de Brito.

Considerar esses trânsitos é evidenciar a riqueza de fronteiras que se estabeleceram ao longo do Atlântico, longe da ideia de insulamento. No Açores alguns traços continuam muito presentes entre seus habitantes, elementos que agenciam o conjunto de ilhas, a exemplo dos Impérios e a fé no Divino Espírito Santo: "A tradição cultural continua forte e presente também entre a maioria dos imigrantes, os quais, se não tencionam retornar à terra natal, a conserva viva em seu meio (cada qual segundo o lugar de origem), da mesma forma como mantém constantemente o contato com o arquipélago, e, quando podem, o visitam." (p. 198)

Essas práticas dialogam com diferentes temporalidades e espacialidades remetendo ao contexto de implantação das freguesias luso-brasileiras no litoral catarinense, lugares que ainda hoje mantêm traços singulares a exemplo de Ribeirão da Ilha, Santo Antônio de Lisboa, Enseada de Brito, São José e Lagoa da Conceição que evidenciam aspectos da colonização luso-açoriana na porção litorânea do que atualmente se designa de Grande Florianópolis.

Os açorianos romperam mares. O arquipélago consistiu em um dos principais suportes para as navegações portuguesas e seus habitantes imigraram para distintas regiões do globo. No Atlântico Sul, especificamente em Santa Catarina, é possível reconhecer que o Império do Divino Espírito Santo consiste em uma das principais manifestações que sintetizam essa experiência no além mar e entre ilhas.

A crença no Espírito Santo assumiu diversas formas graças à colonização portuguesa. Do continente aos Açores e à Madeira, passando pela diáspora portuguesa na África, na Ásia e na América, o culto ao Divino acompanhou o sentido das caravelas. Estabeleceu-se a partir do século XIV, com uma vocação caritativa envolvendo as primeiras coroações dos imperadores meninos e a oferta de liberdade e donativos fortemente difundidos no mundo lusófono graças às Irmandades e aos Hospitalários do Espírito Santo.

Uma vez em solo brasileiro, o Divino assumiu diferentes sentidos e alimentou diversas expectativas entre brancos, negros e indígenas.

Eleito como a “Festa Grande” entre os Karipuna no Amapá, povos indígenas da região do baixo rio Oiapoque; marco significativo no sistema simbólico dos Kalunga, comunidade remanescente de quilombos no nordeste de Goiás; atravessando os cultos instituídos pelos imigrantes açorianos espalhados pelo Brasil Meridional; o Divino Espírito Santo se converteu em uma crença polissêmica com múltiplas tonalidades, sons, movimentos e formas.

No caso dos imigrantes açorianos o Império do Divino assume centralidade provavelmente por polarizar outras festividades e práticas culturais, por isso é apontada por Carlos Rodrigues Brandão (1989) como uma “festa de festas”. Nela se observa uma grande diversidade de símbolos, personagens e eventos. Comemorar o Divino é realizar procissões, novenas, teatros, reisados, folias, encamisadas, cavalhadas... Em meio às opas cor de sangue, empunhando cetros, coroas e bandeiras, as celebrações ao Divino “desempenham para essa população de açorianos e seus descendentes, funções e significados específicos, totalizando e distinguindo simbolicamente a sua experiência biográfica e coletiva.” (GONÇALVES, CONTINS, 2008, p. 73)

Essas práticas culturais rememoram o Tempo dos Impérios. Consistem em estratégias para reforçar o laço afetivo com a ancestralidade açoriana e, ao mesmo tempo, pela característica agregadora que esta festividade assumiu em terras brasileiras, para inserir outros elementos que remeteriam as experiências dos imigrantes no trânsito entre ilhas. Mesclam as bandeiras e as cores dos Açores, de Portugal e do Divino. Revivem os “impérios açorianos”, estruturas arquitetônicas de único compartimento para abrigar o Divino em sua pausa, quando encerra a costura dos lugares realizada pelos devotos empunhando o cetro, a coroa e a bandeira com trajes de realeza. Evidenciam danças, cânticos, rendados e alimentação de origem portuguesa.

A dança do Pau de Fita torna-se uma metáfora dos entrecruzamentos e dos emaranhados culturais unidos pelo movimento dos corpos. Mesmo bailado realizado pelo repolegar das rendas de bilro, pelos gestos dos bailarinos nos grupos tradicionais e pela fusão



Jovens apresentam o Pau de Fita durante o desfile de abertura do festival Açoriano.

de narrativas na dramatização do Boi-de-mamão. Expressões que integram o “tempo das festas” e os encontros de sociabilidade ao longo do ano, a exemplo da Festa da Cultura Açoriana de Santa Catarina: “O ‘tempo das festas’ (nos Açores, o ‘tempo dos impérios’) é uma categoria usada pelos açorianos para distinguirem aquele segmento do ciclo anual em que se desenrolam as festas do Divino Espírito Santo. Elas são celebradas anualmente, a partir do domingo de Páscoa e durante 50 dias até o domingo de Pentecostes.” (p. 74)

Para suprir uma falta, nessa geografia da saudade, surge uma reinvenção da açorianidade na definição de um modo de vida ilhéu manifestada em um calendário de festas e ritos. Segundo Eugênio Lacerda (2003), esse calendário é construído a partir do calendário oficial da Igreja Católica (Advento, Natal, Epifania, Quaresma, Páscoa e Pentecostes), do catolicismo popular (folias, rezas, procissões, novenas, romarias, festas de padroeiros e pagamento de promessas) e do modo de vida agrário-pesqueiro (mudanças estacionais, colheitas, safras etc.).

Esse atravessamento de confluências orienta manifestações como o Pão por Deus, o Boi-de-mamão, os ternos de Reis, as farras de boi e a “festa das festas”, resumida no Império do Espírito Santo certamente por sintetizar os múltiplos tempos: de penitência, de trabalho, de partilha, de migração: “o ciclo do Divino começa já na Quaresma com a saída das bandeiras petitorias que percorrem as casas, anunciando a festa e coletando donativos. É o tempo mais especial do calendário nativo.” Além disso, também é o tempo “de visitação e aferição das obrigações. [...] Tempo de cortejos e daquela exibição vistosa da indumentária real, tipicamente comunitária; da aglutinação de familiares e amigos.” (LACERDA, 2003, p. 149) Acima de tudo, é um tempo de recordação de uma viagem ancestral de navegantes-devotos, antepassados cuja memória une, tal qual um trançado de rendas e fitas, os corações de múltiplas ilhas. ■



Apresentação do Boi de Mamão no Engenho Santo Antônio de Lisboa.



O Projeto

O antropólogo Darcy Ribeiro fala em seu livro *O Povo Brasileiro* (1995) de um país mestiço, construído a partir da mistura de povos distintos e com características raciais, culturais e linguísticas próprias. Uma mestiçagem tanto biológica quanto cultural contribuindo para a formação de um novo povo, do povo brasileiro.

Filhos da Terra - Diversidade e Cultura, surge, então, como uma proposta de pesquisa e documentação fotográfica do universo simbólico desse chamado povo brasileiro, nascido da mistura das culturas indígenas, africanas e portuguesa, o que lhe dá sentido e identidade própria.

Documentando e produzindo ensaios fotográficos, de forma



a conhecer e apresentar uma abordagem contemporânea das manifestações culturais tradicionais e da formação étnica do povo brasileiro, o projeto delimita como campo de observação os protagonistas dessas manifestações, seus grupos, mestres e territórios de realização. O campo de observação da pesquisa direciona seu foco para os cenários e personagens regionais, buscando identificar os elementos do universo imagético e simbólico que dão sentido a vida social e cultural de diversas regiões do Brasil.

O trabalho de campo é realizado com base em Rotas Culturais: *Rota da Costa Atlântica, Rota dos Sertões, Rota da Mineração, Rota dos Povos da Mata, Rota Raízes e Fluxos Contemporâneos*.



Referência Bibliográfica

Pesquisa etnofotográfica e cultural

ARAÚJO, Alceu Maynard, 1913-1974. Folclore nacional II: danças, recreação e música / Alceu Maynard Araújo; fotografias do autor; desenhos de Oswaldo Stomi, Osny Azevedo, do autor e de outras fontes. - 3^a ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2004. - (Coleção Raízes)

CASCUDO, Luís da Câmara, 1898-1986. Dicionário do Folclore Brasileiro / Luís da Câmara Cascudo. - 10. ed. - edição ilustrada - São Paulo: Global, 2001.

COLLIER, John, 1913-. Antropologia Visual: a fotografia como método de pesquisa; tradução Iara Ferraz e Solange Martins Couceiro. São Paulo, EPU, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

KRAUSS, Rosalind. O Fotográfico / Rosalind Krauss; tradução de Anne Marie Davée. Paris: Editions Macula, 1990.

KOSSOY, Boris. Realidades e Ficções na Trama Fotográfica. 2^a ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

O Fotográfico / Etiene Samain, organizador. - 2. ed. - São Paulo: Editora Hucitec / Editora Senac São Paulo, 2005.

RIBEIRO, Darcy. 1922-1997. O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil / Darcy Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SONTAG, Susan. Ensaios sobre fotografia / Susan Sontag; tradução de Joaquim Paiva. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

Pesquisa histórica e de conteúdo

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A cultura na rua. Campinas, SP: Papirus, 1989.

CAMPOS, Nazareno José de. Açorianos do litoral catarinense: da invisibilidade à mercantilização da cultura. Arquipélago: História, n.º, v. 13, 2009.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. CONTINS, Márcia. Entre o Divino e os homens: a arte nas festas do Divino Espírito Santo. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 14, n.º 29, jan./jun. 2008.

LACERDA, Eugênio Pascele. O Atlântico açoriano: uma antropologia dos contextos globais e locais da açorianidade. Tese (Doutorado em Antropologia), Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

Projeto
Filhos da Terra - Diversidade e Cultura

Eraldo Peres
Fotógrafo e pesquisador | Autor e idealizador do projeto

Angélica Madeira
Professora e pesquisadora (UnB e IRB) | Coordenadora de pesquisa

Clovis Britto
Professor e pesquisador (UFS e UFBA) | Pesquisador de conteúdo

Carol Peres
Jornalista | Diretora de Conteúdo e Assistente de pesquisa

Shirley Fernandes
Produção

João Campello
Design | Diretor de arte

Sérgio Almeida
Fotógrafo | Assistente de fotografia

Raimundo Paccó
Fotógrafo | Assistente de fotografia

Anotações de Viagem

Rota da Costa Atlântica
A festa da cultura açoriana no Sul do Brasil
Enseada de Brito, Palhoça, Santa Catarina/Brasil

© Eraldo Peres - Brasília, Novembro de 2017.

Realização

Photo Agência
eraldo@photoagencia.com.br
f.: 55 61 3963-5119 | 99333-1691

www.filhosdaterra.org



Os Cadernos de Pesquisa estão licenciados com uma Licença Creative Commons - Atribuição não comercial e sem derivações 4.0 Internacional, podendo ser visualizados e compartilhados para fins educacionais e de pesquisa. Não é permitida alterações, impressões e/ou comercializações.

filhos
da
Terra
Diversidade
e Cultura

Apresentação
FAC
FUNDO DE APOIO A
CULTURA

Realização
PHOTO
AGÊNCIA

Fomento
Secretaria
de Cultura



GOVERNO DE
BRASÍLIA



Ficha Catalográfica